

Em ação



Juntando forças para construir um sistema alimentar resiliente, sustentável, seguro e saudável!

Março 2022

Numa palavra

2

Envolvido

3

A WUWM fez parte do evento oficial de encerramento do Ano Internacional de Frutas e Legumes (2021)

Em destaque

4

A WUWM participou na 12ª reunião da Plataforma da União Europeia para o Desperdício Alimentar para impulsionar as ações da União de modo a reduzir o desperdício!

Em factos

5

Informação

6

Thomas Forster, do UN Habitat introduz o Programa e Diretrizes "Ligações Urbano-Rurais", concebido para criar ambientes alimentares, pensado através do reforço da relação entre as zonas rurais e urbanas

Em foco

9

Saiba como o Projeto "Market Cities" e o Programa "Livable Cities" estão a trazer para a mesa estratégias de vanguarda para fomentar ambientes alimentares sustentáveis!

— Entrevista

9

Kelly Verel, Diretora Sénior, Programas em Projetos para "Espaços Públicos"

— Entrevista

12

Kristie Daniel, Diretora de Programa, Cidades Habitáveis na Fundação HealthBridge.

Entrevista

15

com Lawrence Haddad, o Diretor Executivo da GAIN, sobre o recente Memorando de Entendimento que a WUWM assinou com esta organização.

Boas práticas

17

Conheça a Agoralim, o ambicioso projeto que o governo francês pediu ao Mercado Grossista Rungis para projetar a fim de assegurar um fornecimento sustentável de alimentos frescos à região de Paris nas próximas décadas!

Inovação

19

Podem as cidades transformar os sistemas agroalimentares? Anja de Cunto, coordenadora de projetos e conselheira política para a alimentação e aprovisionamento na Eurocities, partilha o seu trabalho para melhorar o ambiente e segurança alimentar.

Em eventos

22

O conselho de Diretores da WUWM reuniu-se em Paris para a sua primeira reunião do ano!

No mundo da WUWM

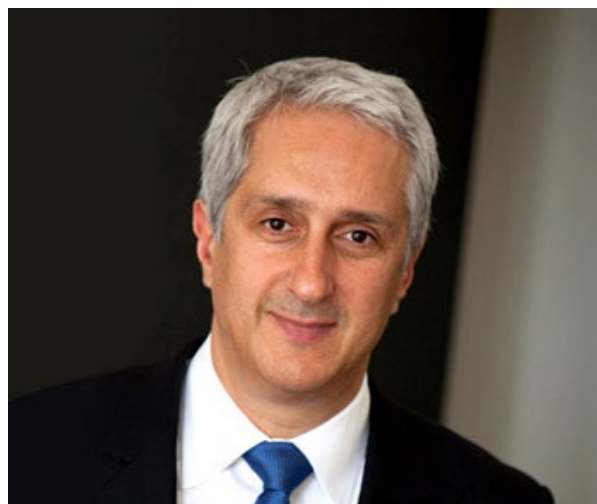
22

Numa palavra

Caros leitores,

Se queremos alcançar a transição dos nossos sistemas alimentares, é tempo de advogar também uma mudança para abordagens que possam fomentar ambientes alimentares sustentáveis e resilientes que promovam e facilitem o consumo de dietas saudáveis. Na maioria dos países do mundo, os atuais ambientes alimentares não facilitam escolhas alimentares sustentáveis e saudáveis. Uma dieta pouco saudável é um importante fator de risco para doenças crónicas, incluindo doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2 e cancro. Para alcançarmos a transição dos sistemas alimentares, precisamos de transformar a forma como concebemos as políticas alimentares. Os ambientes alimentares estão, progressivamente, no centro dos debates sobre a mudança dos sistemas alimentares. Nesta edição de Em Ação, queremos introduzir a abordagem «ambientes alimentares sustentáveis» e casos concretos para a integrar, pois pensamos que poderia trazer valor acrescentado no objetivo de promover a transição dos sistemas alimentares e integrar o planeamento do desenvolvimento sustentável e as intervenções políticas. Ter alimentos saudáveis disponíveis e a preços acessíveis no retalho alimentar e nos serviços alimentares, permite que as pessoas façam escolhas alimentares mais saudáveis. Neste sentido, quando os alimentos saudáveis não estão disponíveis, as pessoas escolhem alimentos que são mais ricos em calorias e de menor valor nutricional. Criar ambientes alimentares favoráveis significa assegurar que os alimentos, bebidas e refeições que contribuem para dietas saudáveis sustentáveis sejam os mais disponíveis, acessíveis, de baixo custo, atrativas e amplamente promovidos. Tais ambientes podem ajudar a fazer da escolha saudável e sustentável a escolha mais desejável, ao mesmo tempo que limitam a disponibilidade e oportunidades promocionais para alimentos associados a dietas pouco saudáveis e insustentáveis. Os ambientes alimentares sustentáveis, para além disso, impulsionam a procura de melhores cadeias de abastecimento que têm também em conta as ligações rurais-urbanas e as preocupações ecológicas.

Este conceito já foi adotado por um grande número de organizações líderes e incorporado numa série de iniciativas de política pública, tais como a Estratégia da União Europeia (UE) «Farm to Fork».



A WUWM acredita que os mercados grossistas estão entre os pilares para melhorar ambientes alimentares saudáveis e sustentáveis. Ao assegurar volumes adequados e uma grande diversidade de alimentos frescos - e particularmente frutas e vegetais - os mercados grossistas permitem a disponibilidade diária de produtos frescos em lojas retalhistas, mercados, escolas, cantinas profissionais e públicas, restaurantes, entre outros, fazendo com que as escolhas alimentares saudáveis se tornem as mais fáceis, atrativas e acessíveis aos cidadãos. Os ambientes alimentares são também o reconhecimento de que estes não têm apenas a ver com a produção de alimentos, mas também com papel fundamental do consumo de alimentos na sua formação. É crucial conceber estratégias que possam apoiar os cidadãos a fazer escolhas alimentares saudáveis e sustentáveis, que também terão impacto na forma como os alimentos são produzidos. Nesta edição temos o prazer de partilhar a voz de diferentes especialistas sobre este tema e alguns exemplos concretos sobre como desenvolver ambientes alimentares sustentáveis.

Temos também o prazer de apresentar a participação da WUWM em eventos importantes como a 12ª reunião da Plataforma da UE para o Desperdício Alimentar e o Evento de Encerramento do Ano Internacional das Frutas e Legumes 2021. Também tivemos a oportunidade de falar com Lawrence Haddad, Diretor Executivo da GAIN, sobre o recente Memorando de Entendimento que a WUWM assinou com esta organização.

Por último, queremos fazer um apelo aos nossos membros para que aproveitem a dinâmica dos desenvolvimentos e atividades políticas emergentes das nossas parcerias para promover os mercados grossistas como parte da solução para os desafios climáticos e de saúde. Mais uma vez, obrigado pelo vosso contínuo apoio e empenho na transição para sistemas alimentares sustentáveis.

Atenciosamente,

Stephane Layani,
Presidente da WUWM

Envolvido:

A WUWM fez parte do evento oficial de encerramento do Ano Internacional das Frutas e Legumes (2021)

A cerimônia de encerramento do Ano Internacional das Frutas e Legumes (IYFV) 2021 realizou-se a 24 de fevereiro, em formato online. As principais organizações, peritos e intervenientes do setor dos alimentos frescos estiveram presentes no evento para celebrar as realizações do ano, apresentando as atividades empreendidas em 2021, os seus resultados e impactos.

3 Ao declarar 2021 o nosso Ano Internacional das Frutas e Legumes, as Nações Unidas chamaram a atenção para a sua contribuição crítica. O IYFV conseguiu sensibilizar para a importância de comer frutas e legumes saudáveis; reduzir o desperdício e promover sistemas alimentares sustentáveis. As frutas e legumes são a base de uma dieta saudável e diversificada rica em nutrientes. No entanto, três mil milhões de pessoas em todo o mundo não têm acesso a uma dieta saudável, e 2 milhões têm excesso de peso ou são obesas. O Sr. QU Dongyu, Diretor-Geral da FAO, fez um apelo para continuar a trabalhar no sentido de criar parcerias e iniciativas para fomentar ações concretas para melhorar o consumo de frutas e legumes em todo o mundo.

Durante o painel de discussão, diferentes atores do setor alimentar e hortícola apresentaram as realizações do ano. Patricia Araya, Presidente do IYFV, destacou a magnitude da campanha: «Mais de 2000 pessoas inscritas para este evento virtual, mais de 70 mensagens em diferentes línguas foram distribuídas através dos principais canais de comunicação social, atingindo 47 milhões de pessoas». Foi também discutida a importância da sensibilização para a sustentabilidade da agricultura e das dietas alimentares, que é geralmente negligenciada pela população em geral.



INTERNATIONAL YEAR OF
FRUITS AND VEGETABLES
2021

Alguns produtores, pequenos empresários, e empresas privadas de todo o mundo partilham a forma como os seus projetos inovadores contribuem para o consumo de frutas e legumes. Um dos membros do painel foi a Sra. Sylvia Kuria, uma jovem agricultora queniana que partilhou a sua experiência no movimento biológico e no cultivo de frutas e legumes. A Sra. Kuria salientou que, para incluir os jovens na produção e consumo de alimentos saudáveis, é importante explorar o seu interesse atual em saber de onde vêm os seus alimentos. E, especialmente, encorajá-los a colher vegetais nativos, porque estes demonstraram ser mais resilientes durante os efeitos devastadores das alterações climáticas. Finalmente, a Sra. Kuria enfatizou a necessidade de se concentrar nos aspetos retalhistas e logísticos da cadeia alimentar. De acordo com ela, o foco tem sido a produção, mas precisam de garantias de que haverá mercados com capacidade para distribuir alimentos orgânicos acessíveis e a preços acessíveis.

“Precisamos de dar continuidade os esforços para promover o consumo de frutas e legumes.”

A conclusão do evento foi centrada na importância de desenvolver uma política forte de regulação do consumo de frutas e legumes. Assim como, a necessidade de continuar os esforços para promover o consumo de frutas e legumes.

A União Mundial dos Mercados Grossistas reafirma o nosso compromisso de promover dietas alimentares frescas e nutritivas em todo o mundo. Como um dos principais fornecedores de dietas saudáveis, os mercados grossistas desempenham um papel essencial na garantia da segurança alimentar e acessibilidade aos produtos frescos nas zonas urbanas. Por conseguinte, estamos felizes por continuar a defender dietas acessíveis, diversificadas, nutritivas e saudáveis para todos.





Em destaque:

A WUWM participou na 12ª reunião da Plataforma da União Europeia para o Desperdício Alimentar para impulsionar as ações da União de modo a reduzir o desperdício!

- 4 A WUWM participou, pela primeira vez como membro permanente da plataforma, na 12ª reunião da «Plataforma da União Europeia para o Desperdício Alimentar» com o objetivo de partilhar com os membros uma atualização sobre a implementação da Estratégia “Farm to Fork” e das ações da União Europeia (UE) para reduzir o desperdício alimentar, realizada pela Comissão Europeia a 17 de fevereiro. Temos o prazer de vos apresentar algumas das conclusões discutidas na reunião.



A fim de alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o objetivo de neutralidade climática até 2050, a União Europeia (UE) lançou o Acordo Verde Europeu com as suas estratégias de referência “Farm to Fork” e “Biodiversity”. A estratégia “Farm to Fork” marca o início de um progresso que visa mudar a forma como os operadores agrícolas da UE produzem e fornecem alimentos aos consumidores. O programa procura reformular o sistema alimentar da UE de modo a torná-lo justo, saudável e amigo do ambiente.

A Plataforma da UE para o Desperdício Alimentar tem como objetivo promover ações para alcançar os objetivos da estratégia «Farm to Fork» através da constituição de subgrupos temáticos que funcionarão nos próximos cinco anos, desenvolvendo ideias para áreas de trabalho prioritizadas. Durante a reunião, a UE estabeleceu os principais objetivos e resultados dos subgrupos: doação de alimentos, desperdício de alimentos e monitorização de resíduos, prevenção de resíduos alimentares dos consumidores, marcação de datas e ação e implementação.

Na sua declaração de abertura, a Comissária Stella Kyriakides salientou que a plataforma visa trazer todos à mesa para construir uma dinâmica de luta contra o desperdício alimentar e os seus impactos no ambiente, clima e sociedade. A plataforma permitirá construir uma metodologia comum para medir os níveis de resíduos alimentares em cada fase da cadeia alimentar. Isto é particularmente importante, porque, “sem uma imagem precisa do desafio, não podemos esperar enfrentá-lo». A este respeito, esta iniciativa pode ser ampliada a nível global no futuro.

“A plataforma visa trazer todos à mesa para construir uma dinâmica para combater o desperdício alimentar e os seus impactos no ambiente, clima e sociedade.”

— Comissária Stella Kyriakides

A plataforma será utilizada como outra ferramenta da estratégia «Farm to Fork», que é a visão a longo prazo da UE para transformar a forma como produzimos, distribuímos e consumimos alimentos. Até agora, a estratégia «Farm to Fork» produziu dois resultados principais: o Código de Conduta da UE sobre Práticas Responsáveis

de Negócios e Marketing Alimentar e o plano de contingência para garantir o abastecimento alimentar e a segurança alimentar. Muitas empresas europeias, e também a WUWM, adotaram o Código de Conduta, que demonstra o seu empenho em mudar o sistema alimentar através de ações tangíveis tais como: reformulação de produtos alimentares, redução da impressão ambiental dos alimentos e redução do desperdício alimentar. A Comissão apresentou outras ações, para além da estratégia Farm to fork, que a UE está a empreender para reduzir o desperdício de alimentos (FLW):

- Produção primária: a Comissão assegura que a Política Agrícola Comum (PAC) está alinhada com os programas de prevenção de Desperdício Alimentar (FLW).
- Registo de higiene alimentar 2021: a Comissão está a adaptar as políticas para facilitar a redistribuição segura da doação de alimentos
- Marcação de alimentos: a Comissão está a trabalhar numa avaliação de impacto sobre o impacto da marcação de datas nos consumidores

5

A WUWM tem estado ativamente empenhada desde o início no desenvolvimento e implementação da Estratégia «Farm to Fork», fazendo parte do grupo de trabalho permanente para conceber o Código de Conduta da UE para Negócios e Marketing Responsável. Continuaremos a apoiar a estratégia da UE, partilhando a experiência e os dados recolhidos pelos nossos membros; fornecendo contributos e comentários às políticas e legislações atuais e futuras, e contribuindo para os objetivos da Comissão. A WUWM alinha-se com os valores centrais da estratégia e, através dos esforços dos nossos membros e aliados no terreno, a WUWM está empenhada em contribuir para apoiar a transição para sistemas alimentares sustentáveis em todo o mundo!

Em factos:

- Uma dieta pouco saudável é um importante fator de risco para doenças crónicas, incluindo doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2 e cancro.
- O acesso limitado a opções alimentares saudáveis contribui para dietas pouco saudáveis.
- Ter alimentos saudáveis disponíveis e a preços acessíveis no retalho alimentar e nos serviços alimentares permite que as pessoas façam escolhas alimentares mais saudáveis. Quando os alimentos saudáveis não estão disponíveis, as pessoas optam por alimentos com maior teor calórico e menor valor nutricional.
- A criação e apoio a ambientes alimentares saudáveis é uma parte importante do trabalho de saúde pública.
- A Organização Mundial de Saúde (OMS) instou os Estados Membros a reduzir o impacto da comercialização de alimentos e bebidas altamente processados e com elevado teor de gorduras saturadas, gorduras trans, açúcares e/ou sal livres (HFSS).
- É inequivocamente evidente que a comercialização de alimentos HFSS tem um impacto prejudicial sobre os comportamentos alimentares e o peso corporal e a obesidade, no entanto, a implementação do Conjunto de Recomendações da OMS tem sido desigual.

“Ter alimentos saudáveis disponíveis e a preços acessíveis no retalho alimentar e nos serviços alimentares permite que as pessoas façam escolhas alimentares mais saudáveis.”





Informação:

Thomas Forster, do UN Habitat introduz o Programa e Diretrizes “Ligações Urbano-Rurais”, concebido para criar ambientes alimentares, pensado através do reforço da relação entre as zonas rurais e urbanas.

6

Tanto na Agenda para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) de 2030 como na Nova Agenda Urbana, foi estabelecida a importância de ter em conta as múltiplas ligações e impactos que as atividades urbanas têm nas zonas rurais próximas e distantes. A crescente procura urbana em combinação com cadeias de abastecimento e comércio globalizados, está a afetar a disponibilidade local de recursos em áreas distantes do mundo. Para a transição sustentável dos nossos sistemas alimentares ter sucesso, é crucial desenvolver abordagens novas e inclusivas que integrem as comunidades e espaços urbanos e rurais, onde ninguém é deixado para trás. A WUWM entrevistou Thomas Foster, Consultor Sénior de «Ligações Urbano-Rurais» na UN-Habitat, especialista deste tópico e autor coordenador de « Ligações Urbano-Rurais: Princípios de Orientação» (URL-G), um manual das Nações Unidas, que estabelece as diretrizes, ferramentas e compêndios de boas práticas para ajudar os governos a integrar o planeamento do desenvolvimento sustentável e as intervenções políticas para áreas urbanas, periurbanas e rurais.

UN HABITAT

Poderia introduzir brevemente o Programa « Ligações Urbano-Rurais»?

O Programa das Nações Unidas para os Estabelecimentos Humanos (UN-Habitat) criou o Projeto “Ligações Urbano-Rurais” (URL’s) em 2019 com o lançamento do Manual: Ligações Urbano-Rurais: Princípios Orientadores e Quadro de Ação para o Avanço do Desenvolvimento Territorial Integrado ou URL-GP na Assembleia da UN-Habitat. Este quadro de princípios e ações foi o produto do trabalho de 40 organizações e mais de 130 partes interessadas ao longo de um ano. O URL-GP é um recurso, juntamente com ferramentas de aprendizagem e compêndios de boas práticas, para ajudar os governos a todos os níveis a integrar o planeamento do desenvolvimento sustentável e intervenções políticas para áreas urbanas, periurbanas e rurais. Esta plataforma, e fluxos de trabalho relacionados, são concebidos para apoiar a implementação do ODS 11, que apela à urbanização sustentável e visa o 11.a, que apela à integração do planeamento para o desenvolvimento sustentável em todo o continuum urbano-rural. O URL-GP pode ser encontrado em múltiplas línguas nas páginas web do Programa Urbano-Rural na Plataforma de Política Urbana gerida pela seção Política, Legislação e Governança do UN-Habitat.

“O URL é um recurso para ajudar os governos a todos os níveis a integrar o planeamento do desenvolvimento sustentável e intervenções políticas para as áreas urbanas, periurbanas e rurais.”





Uma parte importante do seu trabalho centra-se em destacar a importância de criar melhores ligações entre as áreas rurais e urbanas para garantir sistemas alimentares sustentáveis. Pode explicar-nos porque é importante estabelecer estas ligações e qual é a sua relação com a segurança alimentar?

Os sistemas alimentares, por definição, incluem tanto os produtores como os consumidores de alimentos e são, portanto, tanto rurais como urbanos. Os alimentos que abastecem as comunidades rurais, as cidades e todos os tamanhos de cidades são predominantemente produzidos em zonas rurais. Num planeta em rápida urbanização, as áreas urbanas são onde reside a maioria dos consumidores de alimentos. A fome e a insegurança alimentar estão a aumentar tanto nas zonas rurais como urbanas. Na recente evolução dos sistemas de mercado, as zonas rurais e urbanas tornaram-se diretamente menos ligadas à medida que as cadeias de abastecimento alimentar se tornaram mais longas. Contudo, em muitos países, especialmente nos países de rendimento baixo e médio, a disponibilidade de alimentos nos mercados informais e agrícolas onde as ligações entre as comunidades rurais e urbanas são mais diretas, tem sido e continua a ser um fator importante na segurança alimentar urbana e rural. Com a crescente vulnerabilidade das cadeias de abastecimento devido às alterações climáticas e ao impacto da pandemia COVID-19, as cadeias de abastecimento curtas que ligam mais diretamente os consumidores urbanos e os produtores rurais são uma componente importante não só da segurança alimentar, mas também da resiliência do sistema alimentar.

Como podemos integrar o conceito de «ligações Urbano-Rurais» com o quadro de «ambientes alimentares sustentáveis»? E se assim for, como pensa que isto deve ser traduzido a nível político?

Os ambientes alimentares passaram a ser entendidos como incluindo tanto os ambientes construídos como os naturais, ou tanto os urbanos como os rurais. O ambiente alimentar inclui tanto a interface do consumidor com o sistema alimentar nos seus bairros urbanos e periurbanos, como o ambiente produtivo das espécies selvagens e cultivadas que são geridas pelos agricultores. Os ambientes alimentares abrangem o continuum urbano-rural. Os ambientes alimentares sustentáveis são

também a dimensão espacial dos ecossistemas territoriais que são influenciados pelos fluxos diários de pessoas, bens, serviços, dinheiro e informação que definem as ligações urbano-rural. As políticas que têm impacto nestes fluxos estão também a ter impacto nos ambientes alimentares e podem apoiar fluxos sustentáveis, inclusivos e resilientes através do continuum urbano-rural. Existem novas estruturas e instrumentos políticos que estão a ser aplicados para lidar com ambientes alimentares que necessitam de ecossistemas saudáveis para produzir dietas sustentáveis tanto para as comunidades urbanas como rurais.

Já assinalou em várias ocasiões a importância de implementar políticas alimentares públicas informadas. Pode explicar o que quer dizer com isto e partilhar um ou dois exemplos em que políticas públicas informadas tenham afetado positivamente a produção e o consumo de alimentos?

As decisões políticas devem ser sustentadas por provas com base científica e bons dados, sempre que possível. Além disso, a política para abordar as condições complexas e em mudança tanto nas zonas urbanas como rurais, também precisa de ser sustentada pelos contextos, histórias e economias políticas locais. Esta «inteligência territorial» precisa de ser introduzida nos espaços políticos através de processos inclusivos que envolvam os interessados em diferentes partes do sistema alimentar, desde produtores a processadores e distribuidores, atores do

“Com a crescente vulnerabilidade das cadeias de abastecimento devido às alterações climáticas e à COVID-19, as cadeias de abastecimento curtas, que ligam consumidores urbanos e produtores rurais, são uma componente importante para a segurança alimentar e a resiliência do sistema alimentar.”

mercado e níveis de governo. Um exemplo de mecanismos políticos multistakeholder é a criação de conselhos alimentares nos últimos anos, encontrados em muitas cidades e outros níveis de governo em países desenvolvidos. Os conselhos alimentares e os mecanismos multistakeholder apoiados por políticas têm ajudado a informar e a co-gerir programas públicos, incluindo mercados públicos.

Qual é o papel dos mercados grossistas para assegurar as ligações entre as zonas rurais e urbanas? E, na sua opinião, o que podemos fazer para melhorar a sua contribuição?

Os sistemas de mercado estão localizados na intersecção dos fluxos urbano-rurais, e não só para os alimentos, mas também para outros serviços não alimentares. Os mercados grossistas e os seus centros de distribuição são infraestruturas críticas nos sistemas de mercado, sem as quais existiriam apenas as grandes cadeias de

abastecimento verticais que não utilizam os mercados grossistas e os mercados informais/agrícolas. Os mercados grossistas agregam produtos alimentares produzidos por muitos agricultores de todas as escalas. O acesso aos mercados grossistas pode ser um desafio para os pequenos produtores devido aos preços baixos, margens muito apertadas e controlos de preços por parte dos compradores intermediários. Contudo, com a combinação certa de incentivos e regulamentação, transparência, verdadeira contabilização dos custos, e equilíbrio do campo de ação para que as pequenas e médias empresas alimentares possam ser competitivas, os mercados grossistas são uma intersecção crítica dos lados rurais e urbanos dos sistemas alimentares em todo o mundo.

A combinação de incentivos políticos necessários para mercados grossistas inclusivos, resilientes e seguros virá de diferentes níveis de governação (municipal, subnacional e nacional) em diferentes países. A política municipal é normalmente onde se gera o zoneamento do uso do solo, melhorias de capital, contratos públicos e regulamentos que regem as interações dos mercados grossista, retalhista e informal. Os governos regionais ou territoriais podem apoiar o acesso a mercados para pequenos e médios produtores de alimentos e fornecer incentivos que vão desde o apoio técnico e de desenvolvimento empresarial ao investimento na cadeia de frio, distribuição, e infraestruturas de processamento. A política e os investimentos nacionais podem reconhecer e ajudar a coordenar o apoio de governação a vários níveis para os mercados grossistas como componentes centrais dos sistemas de mercado, fornecendo tanto mercados retalhistas como informais e, em alguns casos, mercados híbridos num só espaço. Em cada nível de governação, o financiamento misto privado e público para reforçar os sistemas de mercados deve ser um alvo no desenvolvimento sustentável e no planeamento de ações climáticas em todo o continuum urbano-rural.

“Em cada nível de governação, o financiamento misto, privado e público, para reforçar os sistemas de mercados deve ser um alvo no desenvolvimento sustentável e no planeamento de ações climáticas.”





Kelly Verel, Diretora Sênior, Programas em Projetos para “Espaços Públicos”

Poderia apresentar brevemente o «Projeto para Espaços Públicos» e em particular o Programa “Market Cities”?

Fundado em 1975, o «Projeto para Espaços Públicos» é um projeto urbano internacional e de planeamento sem fins lucrativos baseado em Nova Iorque. Colocamos a participação da comunidade no centro de tudo o que fazemos, desde parcerias de colocação com empresas e fundações até aos nossos workshops, formações, conferências, e muito mais. A nossa equipa interdisciplinar já ajudou mais de 3.500 comunidades em 52 países a criar lugares inclusivos que mudam a nossa sociedade para melhor.

O «Projeto para Espaços Públicos» desenvolveu o conceito para o Programa “Market Cities” em 2014. Uma parceria com a HealthBridge Foundation e a Slow Food International, formalizada no início de 2019, para desenvolver o programa em conjunto. Evoluindo do Programa de Mercados Públicos para o Projeto dos Espaços Públicos, que data de 1987, o Programa baseia-se em mais de 30 anos de trabalho internacional, incluindo projetos com clientes individuais em mais de 70 comunidades para desenvolver novos mercados públicos de alimentos frescos e revitalizar mercados públicos históricos.

O Programa “Market Cities” baseia-se na ideia de que mercados públicos bem sucedidos ajudam a construir comunidades enraizadas no bem-estar e oportunidades equitativas. Acreditamos que os mercados públicos de alimentos frescos são plataformas ideais para apoiar os sistemas alimentares regionais. Os mercados podem melhorar as economias alimentares regionais e fortalecer as comunidades locais se lhes for fornecida a organização e o apoio adequados. É por isso que queremos reforçar os sistemas regionais por detrás dos mercados, ligando e apoiando um conjunto diversificado de intervenientes através da investigação, formação especializada e uma rede de pares.

Em foco:

Saiba como o Projeto “Market Cities” e o Programa “Habitable Cities” estão a trazer para a mesa estratégias de vanguarda para fomentar ambientes alimentares sustentáveis!

9

Na sequência do lançamento dos «Princípios Orientadores das Ligações Urbano-Rurais (URLGP)», a UN-Habitat tem vindo a organizar múltiplos eventos e webinars com especialistas com o objetivo de compreender mais concretamente como promover ambientes alimentares sustentáveis e reforçar as ligações urbano-rurais. Uma primeira série de webinars foi organizada para identificar pontos de ação chave para fornecer respostas eficazes para lidar com as questões de ligação entre áreas rurais e urbanas durante a pandemia de Covid-19. Estas respostas incluem intervenções baseadas no terreno, políticas integradas, medidas de proteção social, e respostas baseadas em provas. Uma segunda ronda de webinars foi então organizada para partilhar mais em pormenor, e trocar ideias e perspetivas sobre projetos concretos e eficazes que poderiam ser ampliados. O projeto “Market Cities” esteve no meio dos projetos que foram apresentados, e quisemos apresentá-lo aos nossos conferencistas. Tivemos o prazer de falar com dois dos especialistas e coordenadores do projeto “Market Cities”: Kelly Verel, Diretora Sênior, Programas em Projetos para “Espaços Públicos”, e Kristie Daniel, Diretora de Programas, “Cidades Habitáveis” na Fundação HealthBridge.

Pode partilhar connosco alguns exemplos de projetos “Market Cities” bem sucedidos e o que podemos aprender com eles?

Quando desenvolvemos os Sete Princípios para nos tornarmos uma “Market Cities” em 2019, quisemos estabelecer um padrão elevado mas exequível para as cidades se esforçarem por isso. Nenhuma cidade singular cumpre inteiramente estes sete princípios, mas há cidades que servem como exemplos fortes, incluindo Barcelona, Espanha, e Londres, Reino Unido. Tivemos o prazer de acolher as nossas Conferências Internacionais de Mercados Públicos em ambas as cidades (Barcelona em 2015 e Londres em 2019) e cada cidade foi selecionada para co-presidir, porque encaravam os seus mercados públicos como um sistema, que está no centro do nosso Programa de “Market Cities”.

Barcelona é mundialmente famosa pelos seus mercados, mas o que nos atraiu foi a oportunidade de mostrar um sistema de mercado que beneficiou de um investimento maciço em infraestruturas e que é adorado pelos residentes. Londres, enquanto lar de vários mercados históricos, estava apenas a começar a pensar nos seus mercados públicos de uma forma sistemática, mas estávamos entusiasmados por o Presidente da Câmara Sadiq Khan não só reconhecer o valor dos mais de 200 mercados londrinos, como também estar a investir no seu potencial através da investigação, da formação de um London Market Board, do desenvolvimento de um programa de oportunidades económicas para novos vendedores, e do apoio financeiro à programação de mercados.

Desde o lançamento do Programa, em 2019, temos pilotado três projetos de “Market Cities” nos Estados Unidos e no Canadá, concentrando-se no levantamento, análise e mapeamento. Estas três cidades estão agora na fase inicial e intermédia da compreensão das lacunas e oportunidades enfrentadas pelo seu sistema de mercado, o que constitui o primeiro passo para se tornarem uma “Market Cities”.

“Os mercados podem melhorar as economias alimentares regionais e reforçar as comunidades locais se lhes for prestada a organização e o apoio adequados.”

Vimos que todos os projetos são desenvolvidos com uma abordagem multistakeholder: poderia falar brevemente sobre quem são os parceiros típicos de um projeto “Market Cities”? E porque é importante que as “Market Cities” tenham parceiros e intervenientes diversos?

Como mencionado acima, o Projeto para Espaços Públicos coloca o envolvimento da comunidade no centro do que fazemos e o Programa “Market Cities” não é diferente - de facto, a colaboração é um dos nossos Sete Princípios do “Market Cities”. Os intervenientes óbvios num projeto deste tipo são gestores e operadores dos mercados públicos, vendedores e clientes, mas igualmente importantes para a colaboração são os decisores políticos da cidade e do estado, instituições de saúde pública, defensores das pequenas empresas, e outros. Para se tornar uma “Market Cities” precisa destes outros parceiros a fim de estabelecer políticas e programas que maximizem a saúde financeira e os benefícios comunitários dos sistemas de mercado público.

Qual é o papel que os mercados desempenham na garantia de ambientes alimentares sustentáveis? E como é que isto está relacionado com o acesso a dietas saudáveis e alimentos seguros?

Os mercados públicos proporcionam muitos benefícios às comunidades que servem, incluindo a promoção da saúde pública e o apoio às ligações urbano-rurais. Muitos mercados, especialmente os mercados de alimentos frescos, são locais diretos ao consumidor para os agricultores locais e regionais. Estes mercados não só permitem aos agricultores obter mais dinheiro para os seus bens, mas também encorajam a diversidade e a inovação em bens e produtos. Os clientes visitam estes mercados para experimentar algo fora do comum, e como resultado, muitos agricultores cultivam produtos e/ou criam animais que podem não ser viáveis num mercado convencional onde a homogeneidade é uma alta prioridade.





Os mercados públicos são também excelentes espaços para encorajar uma alimentação e comportamentos saudáveis de uma forma menos intimidante do que um consultório médico ou hospital. Os parceiros de saúde pública adoram interagir com o público nos mercados porque podem fazer uma ligação direta entre o consumo de alimentos frescos e a melhoria dos resultados de saúde numa atmosfera amigável. Em alguns países, os líderes dos mercados públicos expandiram-se nesta matéria através de programas de incentivo, que aumentam a quantidade de dinheiro que os clientes com rendimentos mais baixos têm de gastar em alimentos frescos, tornando assim a opção mais saudável a mais acessível. No hemisfério Sul, os mercados públicos, incluindo os mercados informais e formais, podem ser a única fonte de alimentos frescos, saudáveis e acessíveis. Nestes locais, é vital que estes mercados públicos tenham o financiamento e a capacidade de gestão de que necessitam para serem fontes seguras de alimentos. Por estas razões, a resiliência é outro dos nossos Princípios de Mercado. O nosso Programa defende o desenvolvimento de redes de distribuição que deem prioridade e apoiem alimentos saudáveis, acessíveis e seguros, bem como outros bens produzidos na região.

Qual é, na sua opinião, o papel dos mercados grossistas de alimentos frescos que poderia funcionar nas “Market Cities”? Pode partilhar alguns exemplos de sucesso?

Os mercados grossistas de alimentos desempenham um papel fulcral na facilitação do intercâmbio eficiente de alimentos e bens, no entanto, os mercados grossistas são frequentemente negligenciados precisamente porque não são visíveis para a maioria dos consumidores - tendem a localizar-se na periferia das cidades e alguns requerem mesmo uma autorização especial para entrar. Contudo, são vitais em muitos países de todo o mundo porque os vendedores nos mercados estão voltados para o consumidor e são frequentemente revendedores que obtêm os seus bens nos mercados grossistas. Sem mercados grossistas, as cidades terão dificuldade em ser resilientes pois estes são cruciais para a distribuição de bens.

Nós, no Programa “Market Cities”, não fingimos ser especialistas em mercados grossistas (é por

isso que estamos gratos pela WUWM), mas, acolhemos com agrado mais oportunidades de diálogo e aprendizagem. Por exemplo, estamos entusiasmados com a próxima investigação do Centro de Investimento da FAO, que descobriu que os mercados grossistas de alimentos têm servido como infraestruturas chave durante a pandemia, proporcionando acesso seguro aos produtos locais a preços justos, ao mesmo tempo que assegura o abastecimento alimentar das cidades e regiões. Além disso, a sua investigação descobriu que países que tinham organizado e melhorado as redes de infraestruturas dos mercados grossistas de alimentos, como França, Itália e Espanha, demonstraram uma elevada capacidade para lidar com desafios perturbadores ao mesmo tempo que apoiavam os setores tradicionais e a produção local. Por estas razões, mais mercados grossistas precisam de ser vistos como intervenientes cruciais na estratégia das “Market Cities” de uma cidade.

Acha que a WUWM poderia impulsionar o Programa “Market Cities”? Em caso afirmativo, de que forma poderíamos promover a ação em conjunto?

O Programa “Market Cities” está entusiasmado com a possibilidade de encontrar formas de trabalhar com a WUWM! O nosso Programa cumpre a sua missão trabalhando com cidades em projetos-modelo, organizando eventos incluindo formação, conferências e webinars, fornecendo ligações e apoio aos líderes do mercado público através da nossa newsletter, biblioteca de recursos e outras atividades.

Para cada uma destas atividades, há um papel a desempenhar pelos mercados grossistas. Os nossos projetos-modelo seriam reforçados através de uma maior participação dos líderes locais dos mercados grossistas. Os nossos eventos poderiam incluir sessões e oradores nos mercados grossistas. E, a nossa newsletter e biblioteca de recursos poderia apresentar histórias, pesquisas e conjuntos de ferramentas para e pelos líderes dos mercados grossistas.

Uma oportunidade específica e interessante que se avizinha é a nossa 11ª Conferência Internacional de Mercados Públicos, a realizar em 2023. Esperamos anunciar o local no final deste ano, mas os nossos finalistas são Baltimore, Maryland nos Estados Unidos, Guadalajara, Jalisco no México, e Toronto, Ontário no Canadá. As três cidades beneficiam dos seus mercados grossistas regionais que poderão desempenhar um papel importante na conferência.

Kristie Daniel,

Diretora de Programa, Cidades Habitáveis na Fundação HealthBridge



Poderia apresentar brevemente o Programa Cidades Habitáveis?

O Programa Cidades Habitáveis HealthBridge trabalha com grupos locais em países de baixo e médio rendimento para melhorar a habitabilidade das cidades através do acesso equitativo a transportes viáveis, alimentos saudáveis, parques e espaços públicos. Os mercados públicos locais são uma área chave onde nos concentramos na realização de investigação para melhor compreender o contexto local, organizar projetos-piloto como forma de demonstrar o que é possível, proporcionando workshops de capacitação às comunidades e aos funcionários, e advogando a adoção de políticas a serem postas em prática. Atualmente, temos projetos em nove países e 19 cidades.

12

A sua organização realizou múltiplos estudos sobre planeamento urbano. Com base nas suas conclusões, que papel desempenham os mercados de alimentos frescos na melhoria da habitabilidade das cidades?

Os mercados de alimentos frescos são fundamentais para a habitabilidade nas cidades e contribuem para muitos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Os mercados proporcionam obviamente os espaços na comunidade onde as pessoas podem aceder a alimentos saudáveis, frescos, e muitas vezes locais. Como organização de saúde, isto é muito importante se quisermos reduzir as doenças não transmissíveis. Mas os mercados locais de alimentos são também uma importante fonte de rendimento para muitos vendedores formais e informais nas cidades. E, os mercados são conhecidos por apoiar uma economia mais circular, onde os fundos gastos no

mercado são redistribuídos na comunidade. Os mercados são frequentemente os locais na comunidade onde os residentes se podem reunir, conhecer os seus vizinhos e desenvolver ligações sociais. Estas ligações são críticas em tempos de catástrofe. Assim, os mercados desempenham um papel crítico na habitabilidade das cidades.

A nossa investigação tem-se concentrado em compreender o ambiente de transporte, o ambiente do parque e o ambiente alimentar. Em termos do ambiente alimentar, o papel dos mercados é óbvio. Mas o que é particularmente notável é que uma variedade de mercados é a chave para um ambiente alimentar saudável. Um estudo que realizámos no Nepal mostrou que a cidade precisava dos vendedores móveis, dos mercados permanentes, e dos mercados semipermanentes, a fim de garantir o acesso a pé para todos os residentes. No entanto, o nosso trabalho sobre transportes e espaços públicos também tem uma ligação importante com os mercados alimentares. Em muitas cidades de todo o mundo, tanto os vendedores informais como os mercados mais formais de agricultores estão localizados em espaços públicos. Para as cidades com desigualdades espaciais em termos de acesso ao mercado, podem recorrer a espaços públicos para ajudar a preencher essas lacunas.

Para a nossa investigação em transportes, os mercados são um destino chave para os residentes. Assim, quando realizamos estudos sobre transportes, tentamos compreender a rede de ruas que rodeia os mercados, pois isso determinará se é mesmo possível ir a pé ou de bicicleta até um mercado. Além disso, os nossos estudos tentam identificar formas de os vendedores informais de alimentos poderem ser melhor apoiados dentro da rede de ruas para que não bloqueiem o tráfego de peões e, ao mesmo tempo, prestem o seu serviço essencial.





Quais são os principais desafios que as cidades enfrentam para construir cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis na área da governação alimentar?

O primeiro desafio é que as cidades nem sempre compreendem o bem que têm com os seus mercados locais. Muitas cidades são incapazes de nos dizer exatamente onde estão localizados os mercados, quantos são e qual é a sua qualidade. Se não compreende os seus bens e o que pode estar em falta, é um desafio desenvolver uma política abrangente. É por isso que começamos sempre com a pesquisa de avaliação situacional, que inclui o ambiente político, a fim de compreender plenamente o que está a acontecer numa cidade.

Também acredito que muitas cidades não se concentram em olhar para a segurança alimentar comunitária de uma forma abrangente. Muitos governos a todos os níveis concentram-se quase exclusivamente no lado da oferta da segurança alimentar e dão pouca atenção ou reflexão ao lado da distribuição. Mas como vimos na pandemia, assegurar que os alimentos possam ser distribuídos é igualmente importante. Este pensamento holístico vai-se tornar crítico à medida que experimentamos mais perturbações como resultado das alterações climáticas.

Por último, gostaria de sugerir que os silos que estão frequentemente presentes dentro dos governos atuem como uma barreira à construção de cidades habitáveis. A política alimentar está frequentemente sob a alçada de vários departamentos governamentais que não falam uns com os outros. Tal como nos espaços públicos como os parques, os mercados precisam de fazer parte tanto do planeamento urbano como dos transportes. Nos planos urbanos é necessário guardar um espaço para os mercados públicos locais e os planos de transporte precisam de assegurar que os próprios mercados sejam facilmente acessíveis. Mas, em muitos lugares, este é, muitas vezes, um pensamento posterior, se é que se pensa neles de todo. A maioria das cidades tem algum tipo de política em torno da segurança alimentar, mas muitas cidades não têm planos abrangentes relacionados com a segurança alimentar. A produção de alimentos é frequentemente da responsabilidade dos Ministérios da Agricultura que podem não falar com os planeadores urbanos e de transportes. Assim, lidar com questões jurisdicionais torna-se realmente importante e assegurar que todos estes departamentos e ministérios falem uns com os outros é importante.

Pode partilhar alguns exemplos de como os mercados alimentares podem ter um impacto positivo na saúde e no bem-estar de pessoas em situações vulneráveis?

Os mercados públicos locais ajudam a criar ambientes saudáveis que incentivam uma alimentação saudável. À medida que os países de baixo e médio rendimento experimentam a transição nutricional, em que os alimentos tradicionais locais estão a ser substituídos por alimentos densos em energia e altamente processados, o papel dos mercados tem vindo a tornar-se cada vez mais importante. Para seguirem uma alimentação saudável, as pessoas devem poder aceder facilmente a alimentos saudáveis, incluindo frutas e legumes frescos, a preços acessíveis. Os mercados locais são os principais distribuidores de alimentos saudáveis em muitas cidades do mundo e são particularmente importantes para aqueles que vivem em condições de pobreza. Os pobres dependem dos mercados para poderem comprar quantidades menores, negociar preços mais baixos e solicitar oportunidades de crédito.

Além disso, os mercados públicos locais são importantes para a subsistência dos comerciantes e das pequenas empresas retalhistas locais. Os mercados públicos locais são hospitaleiros para os pequenos comerciantes, especialmente quando comparados com os centros comerciais que favorecem as empresas maiores. Em muitos países, os mercados públicos locais são uma fonte de emprego para as mulheres. Por exemplo, estima-se que haja 125.000 comerciantes informais em Hanói e aproximadamente 59% deles são mulheres. Os mercados públicos locais são também importantes para as mulheres no seu papel socialmente atribuído como fornecedores primários para as famílias. Os consumidores de baixos e médios rendimentos dependem dos mercados tradicionais próximos das suas casas para satisfazerem as suas necessidades de alimentos frescos disponíveis localmente a preços acessíveis. Com cada vez mais mulheres a entrar na força de trabalho remunerada, a existência de mercados próximos das suas casas tem sido um benefício importante, uma vez que estas fazem malabarismo com as suas responsabilidades diárias como trabalhadoras e cuidadoras primárias das famílias.

Quais são os desafios mais comuns que os mercados alimentares enfrentam em termos de acessibilidade? E qual é o papel dos mercados grossistas no apoio a ambientes alimentares saudáveis?

A nossa investigação identificou dois grandes desafios relacionados com a acessibilidade dos mercados alimentares. O primeiro está relacionado com a rede de transportes dentro das cidades. Muitos mercados estão localizados em bairros, mas as infraestruturas para peões e ciclistas que levam as pessoas de casa para o mercado são pobres. Isto é especialmente problemático para pessoas que vivem com uma deficiência. Calçadas ou percursos pedonais de má qualidade ou inexistentes são difíceis, se não impossíveis, para alguém que vive com uma mobilidade ou deficiência visual. Isto é frequentemente um problema tanto para aceder ao mercado, como dentro do próprio mercado.

O segundo grande desafio é aquilo a que chamamos «a desigualdade espacial dos mercados». Queremos que as pessoas tenham fácil acesso a alimentos frescos saudáveis, o que significa que os mercados devem estar a uma distância que possa ser percorrida a pé até ao local onde as pessoas vivem. A investigação sobre a possibilidade de caminhar sugere que, na maioria dos locais, «caminhável» é de 400m a 800m ou uma caminhada de cinco a 10 minutos. Muitas cidades não têm mercados físicos suficientes que permitam o acesso a pé de todos. É aqui que os mercados grossistas podem desempenhar um papel importante. Nas cidades que não conseguem acrescentar mercados de agricultores ou um mercado físico, os vendedores informais e móveis podem ajudar a preencher a lacuna. Mas estes vendedores compram pequenas quantidades e são muitas vezes em grande número. Isto torna difícil para os agricultores trabalhar diretamente com eles e coloca os vendedores informais em desvantagem em termos de negociação de preços. Os mercados grossistas estão muito melhor posicionados para trabalhar com estes vendedores informais.

“Os mercados locais são os principais distribuidores de alimentos saudáveis em muitas cidades do mundo e são particularmente importantes para aqueles que vivem na pobreza.”

Hoje, falamos muito sobre segurança alimentar nas próximas décadas e como podemos promover a transição dos sistemas alimentares através de melhores padrões alimentares. Acha que mudar as formas como construímos ou vivemos as cidades poderia impulsionar a transição? Pode partilhar algumas ideias sobre como o fazer?

A forma como as cidades são construídas pode absolutamente ajudar a impulsionar-nos para um mundo mais seguro do ponto de vista alimentar. Uma das coisas que a pandemia nos mostrou foi como é importante para as pessoas poderem ter acesso ao que precisam perto de casa. Durante a pandemia, não queríamos que as pessoas viajassem por toda a cidade. Isso significa que quando o planeamento da cidade está a decorrer, temos de considerar onde as pessoas têm acesso aos alimentos. A maioria do planeamento urbano considera onde se situam os locais de trabalho, escolas e instituições. A alimentação também precisa de fazer parte dessa discussão e desse planeamento.

Apesar dos muitos papéis importantes que os mercados desempenham nas comunidades, há uma tendência em muitos países de baixo e médio rendimento para fechar os mercados públicos locais e substituí-los por supermercados e não construir novos mercados nas áreas em expansão da cidade. Isto está a ter um impacto negativo na saúde porque os supermercados, especialmente nos países em desenvolvimento, tendem a vender predominantemente alimentos altamente processados e de baixo valor nutricional. O ambiente alimentar em mudança está a ter impacto sobre os alimentos que estão disponíveis e acessíveis nas comunidades. O tipo de pontos de venda de alimentos, tais como mercados locais, pequenas lojas e supermercados, têm um grande controlo sobre quais os alimentos que são acessíveis e disponíveis e são muito influentes na determinação das escolhas alimentares que as pessoas são capazes de fazer.

Embora existam políticas que podem tornar os alimentos fortemente processados menos atraentes e isto inclui medidas como a política fiscal, tais políticas são apenas parte da solução. Na saúde pública, referimo-nos à necessidade de «fazer da escolha saudável a escolha fácil». Os mercados desempenham um papel realmente importante para garantir que a escolha saudável é a escolha mais fácil. Assim, se reimaginarmos as nossas cidades para assegurar que os mercados sejam considerados como bens que contribuem para a saúde, a subsistência, as ligações sociais e a resiliência, teremos mais probabilidades de lhes dar prioridade.





“Ao estabelecer uma parceria com a WUWM, a GAIN espera combinar a nossa experiência em nutrição e ambientes de baixo rendimento com a experiência da WUWM em mercados.”

no terreno e envolvemo-nos intensamente em processos políticos. Trabalhamos em parceria com organizações semelhantes, e muito frequentemente fazemos a ponte entre os setores público e privado.

Pode falar-nos sobre os projetos que a GAIN está a realizar para promover a nível local a transição dos sistemas alimentares? Em que países estão a ser implementados e que resultados obtiveram até agora?

A GAIN está atualmente a trabalhar em mais de 100 projetos! As nossas parcerias mais próximas com as administrações municipais e distritais estão localizadas em: Addis Abeba (Etiópia); Kiambu e Machakos (Quênia); Dar es Salaam (Tanzânia); Beira e Pemba (Moçambique); Rawalpindi e Peshawar (Paquistão); Dhaka (Bangladesh), e Surabaya (Indonésia). Nestas cidades, por exemplo, temos: remodelado os mercados de produtos frescos, ajudado a estabelecer fóruns de planeamento e governação multistakeholder, bem como sistemas locais de monitorização de sistemas alimentares, e temos trabalhado em conjunto com decisores políticos para co-desenhar opções para manter os sistemas alimentares a funcionar durante a Covid-19. Juntamente com o Pacto de Política Alimentar Urbana de Milão e o RUAF (Hivos), também gerimos uma plataforma de partilha de conhecimentos de cidade a cidade, Food Action Cities (www.foodactioncities.org). Isto coloca a inspiração, experiência e recursos, das cidades que estão a trabalhar em prol de ambientes alimentares remodelados e resilientes para todos, nas mãos dos decisores, em todo o mundo, através dos seus telemóveis ou computadores.

Entrevista com Lawrence Haddad

**o Diretor Executivo da GAIN,
sobre o recente Memorando de
Entendimento que a WUWM
assinou com esta organização.**

15

A WUWM assinou um Memorando de Entendimento (MdE) com a Aliança Global para Melhorar a Nutrição (GAIN) no dia 1 de fevereiro de 2022. Esta nova parceria procura melhorar a resiliência dos mercados retalhistas de alimentos frescos tradicionais, na Ásia e em África. Tivemos a oportunidade de conversar com Lawrence Haddad, o Diretor Executivo da GAIN, sobre a organização, os seus projetos e se que pensa que este Memorando de Entendimento poderia ajudar a promover ambientes alimentares sustentáveis.

Poderia apresentar brevemente a GAIN aos leitores desta Newsletter?

GAIN é a abreviatura de Aliança Global para Melhorar a Nutrição. Somos uma fundação suíça que trabalha para melhorar o consumo de alimentos nutritivos e seguros para todos, especialmente para os mais vulneráveis à fome e à desnutrição. Temos escritórios em cinco países da África Subsaariana, e quatro no Sul e Sudeste Asiático, bem como escritórios de representação na Suíça, Holanda, Reino Unido e EUA. Através de fóruns globais, no país e dentro das cidades, implementamos projetos

Quais são as observações que a GAIN poderia fazer sobre a ligação entre os mercados alimentares de rua e a garantia de «ambientes alimentares sustentáveis»?

Os ambientes alimentares são onde os alimentos e as pessoas se encontram. As nossas análises mostram que para muitas famílias de baixos rendimentos em África e na Ásia, os mercados alimentares «tradicionais» e/ou «municipais» são locais-chave onde os vendedores e consumidores se envolvem - tornando os alimentos acessíveis, ganhando rendimentos, partilhando conhecimentos e comprando alimentos. Estes mercados proporcionam particularmente acesso a alimentos frescos, tais como vegetais, frutas, e alimentos de origem animal. Como estes são precisamente os alimentos que mais vitaminas e minerais contribuem para as dietas destes consumidores, os projetos de resistência do mercado GAIN têm uma ênfase na eficiência, segurança alimentar, sustentabilidade e governação.

Quais os objetivos que a GAIN espera alcançar através de uma parceria com a WUWM?

Ao estabelecer uma parceria com a WUWM, a GAIN espera combinar os nossos conhecimentos especializados em nutrição e ambientes de baixa renda com os conhecimentos especializados da WUWM em... mercados! Esperamos promover mais investimentos em mercados em África e na Ásia, desenvolver em conjunto melhores modelos de governação e operações para mercados importantes nesses cenários, e partilhar mais amplamente os nossos conhecimentos.

Na sua opinião, qual é o papel que os mercados grossistas podem desempenhar para fomentar a transição dos nossos sistemas alimentares para uma maior sustentabilidade, disponibilidade e acessibilidade?

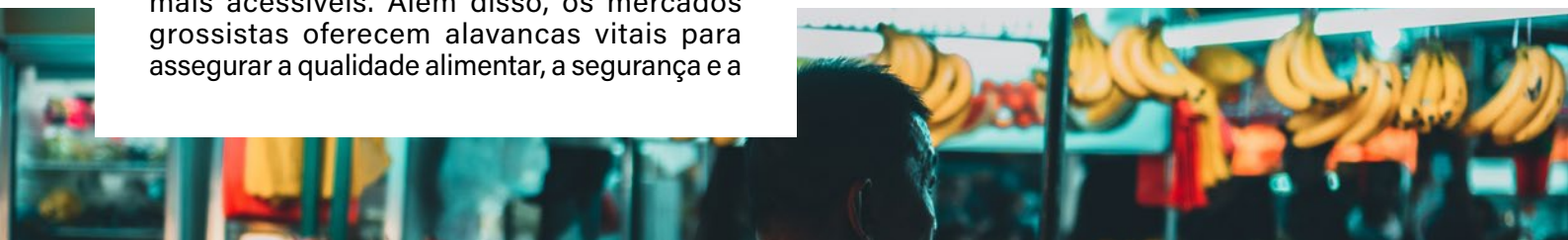
Os mercados grossistas são a chave da distribuição alimentar, particularmente em ambientes alimentares urbanos. Ligam-se eficazmente com o sistema alimentar mais vasto, aproximando fisicamente uma variedade de alimentos das comunidades urbanas. Estes mercados fornecem alimentos aos mercados retalhistas dos bairros, e a toda uma gama de vendedores e pontos de venda de alimentos preparados. Os mercados grossistas influenciam os preços locais dos alimentos e, como tal, estes mercados desempenham um papel importante para tornar os alimentos seguros e nutritivos mais acessíveis. Além disso, os mercados grossistas oferecem alavancas vitais para assegurar a qualidade alimentar, a segurança e a

“Os mercados grossistas oferecem alavancas vitais para garantir a qualidade alimentar, a segurança e a redução do desperdício alimentar - essenciais para a saúde e o bem-estar das pessoas e do planeta.”

redução das perdas e desperdícios alimentares - todos eles essenciais para a saúde e o bem-estar das pessoas e do planeta. Finalmente, podem modelar a boa governação e gestão operacional para outros mercados retalhistas mais pequenos, incluindo a utilização de energias renováveis.

Acha que a GAIN e a WUWM podem unir forças para melhorar de forma concreta os sistemas alimentares locais e promover dietas mais saudáveis para as populações mais vulneráveis? Em caso afirmativo, de que forma?

Sim! Os mercados em África e na Ásia são assolados por desafios de governação, especialmente em detrimento daqueles que mais sofrem de fome e subnutrição. Quando estes mercados não funcionam bem e as pessoas são excluídas, através de várias barreiras, do valor social, económico e de saúde dos mercados, os impactos resultantes incluem uma maior vulnerabilidade a perdas de rendimento e de emprego, alimentos de má qualidade e inseguros, incomportabilidade de alimentos vitais e nutritivos como frutas e vegetais frescos, bem como produtos de base, e aumento das emissões de gases com efeito de estufa através da perda excessiva de alimentos e do desperdício. A vulnerabilidade do mercado no sistema alimentar torna as pessoas e o planeta mais vulneráveis a choques como a pandemia de Covid-19, inundações, secas e instabilidade política e económica. As organizações membros da WUWM têm vindo a ultrapassar estes desafios de forma inovadora há décadas, e podem trabalhar em conjunto com a GAIN, governos e comités de mercado local, em África e na Ásia, para co-desenvolver melhores soluções que são propriedade local, mas que também beneficiam da perícia da GAIN e da WUWM. Não podíamos estar mais felizes por começarmos esta aventura juntos!



Boas práticas:

Conheça a Agoralim, o ambicioso projeto que o governo francês pediu ao Mercado Grossista Rungis para projetar a fim de assegurar um fornecimento sustentável de alimentos frescos à região de Paris nas próximas décadas!

Queremos partilhar o projeto francês Agoralim com os nossos leitores, pois pensamos que este projeto inovador estabeleceu excelentes bases para novas abordagens territoriais concretas multi-stakeholders e conceção de infraestruturas que podem assegurar ecossistemas alimentares sustentáveis e resilientes.

Para satisfazer as necessidades de uma população em constante crescimento, é importante iniciar uma nova dinâmica territorial e desenvolver um ecossistema alimentar local, onde a população tenha acesso a alimentos acessíveis, saudáveis e sustentáveis. Neste contexto, a qualidade da ligação entre a produção e distribuição de produtos alimentares é mais do que nunca um fator chave para garantir um abastecimento alimentar sustentável.

Estamos particularmente entusiasmados com esta iniciativa, dado que ela tem potencial para responder aos três principais desafios que a maioria dos nossos membros poderá enfrentar:

1. As expectativas dos consumidores estão a mudar: eles favorecem cada vez mais a autenticidade dos produtos e as suas raízes locais, a simplicidade dos métodos de transformação, a qualidade e a rastreabilidade dos alimentos. Por conseguinte, há um apelo à promoção e ao desenvolvimento de circuitos em cadeia curtos.
2. Há uma procura crescente de produtos frescos: a alimentação da crescente população exigirá capacidades de distribuição adicionais que complementem as existentes, a fim de assegurar um abastecimento alimentar eficiente e sustentável para as regiões.
3. O desafio ambiental ligado à logística: o congestionamento, ou mesmo a saturação, das principais estradas leva a tempos de transporte mais longos e, por conseguinte, a um aumento da pegada de carbono dos fluxos de abastecimento. Por conseguinte, novos fluxos de transporte precisam de ser planeados e desenvolvidos.

Tivemos a oportunidade de entrevistar Benoit Juster, Diretor Estratégico no mercado grossista de Rungis, para lhe trazer mais informações sobre este projeto!



Pode explicar em poucas palavras o projeto Agoralim ?

O Agoralim é um projeto multi-local que se localizará na parte oriental de Paris e arredores (o Val d'Oise) e abrangerá toda a cadeia de valor alimentar, desde a produção agrícola à distribuição e transformação. Inclui um sítio dedicado à produção agrícola, baseado nos princípios da agroecologia e uma ou mais plataformas de distribuição situadas nas proximidades. O Agoralim é um projeto territorial que pretende acompanhar as evoluções demográficas, sociais e ambientais da região de Île-de-France (que compreende a região de Paris e os seus subúrbios). Nos próximos anos, teremos de alimentar a população sempre crescente da região parisiense, e ao mesmo tempo, responder às novas aspirações dos consumidores em termos de alimentação: mais produção local, mais circuitos curtos e portanto menos intermediários, mais produtos frescos e saudáveis cultivados com maior respeito pelo ambiente. Estes são os desafios a que o Agoralim está a responder.

Quem são os atores envolvidos neste projeto?

Há mais de 50 anos, a Semmaris, empresa que gere o mercado grossista de Rungis, foi confiada pelo Estado francês com uma missão de interesse público para assegurar o fornecimento de produtos frescos a 18 milhões de habitantes. Esta missão é levada a cabo a partir da plataforma de Rungis. Para continuar a realizar esta missão em boas condições, é necessário, devido ao desenvolvimento demográfico da região, dispor de um segundo local no norte de Paris. O Estado pediu portanto à

“O Agoralim é um projeto territorial que pretende acompanhar as evoluções demográficas, sociais e ambientais da região parisiense.”

Semmaris para estudar e desenvolver este projeto denominado Agoralim. Este projeto está a ser desenvolvido em consulta com as autoridades locais (Região, Departamento e Municípios).

Pode dizer-nos como o Agoralim é um projeto muito inovador em termos de conceção e de mobilização de uma pluralidade de atores?

O projeto é desenvolvido num espírito de co-construção com todos os intervenientes. É realmente inovador no seu método, uma vez que é conduzido numa lógica de baixo para cima. Em 2021 foi lançado um «Apelo de Ideias» público e foi um grande sucesso com mais de 230 contribuições! Um total de 234 contribuições foram apresentadas por autoridades locais, agentes económicos e institucionais, representantes do mundo agrícola, associações e o público em geral. Durante três meses, os interessados puderam expressar-se e submeter as suas propostas num sítio Web dedicado (www.agoralim.fr), através de um questionário sobre os 5 temas principais do projeto. Foram apresentadas cerca de 234 contribuições: 70 diziam respeito à agricultura e agroalimentar, 67 à logística, 47 à alimentação saudável, 42 ao emprego e formação e 8 aos locais do futuro centro agro-ecológico no norte da Île-de-France.

O mercado grossista de Rungis apresentou esta semana um projeto ao Primeiro-Ministro: poderia resumir os principais pontos/ propostas expressos neste relatório?

Antes de mais, as propostas dizem respeito à filosofia do projeto: o Agoralim deve desenvolver um ecossistema que favoreça os produtos locais e os curto-circuitos. O Agoralim deve também ser um projeto territorial, criando um ecossistema em torno da indústria alimentar. O projeto apresenta propostas operacionais em termos de localização, calendário, incentivos a criar, financiamento, etc., para construir um pólo alimentar sustentável e resistente para a região parisiense.

As 6 propostas do presidente do mercado de Rungis para o Primeiro-Ministro:

Ajuda na transição dos setores agrícola e agroalimentar

1. estabelecer um «território para o futuro agrícola», semelhante ao programa «território de inovação de alta ambição»
2. criar uma empresa de terras agrícolas, um novo instrumento de desenvolvimento para apoiar o controlo de terras agrícolas complexas

Apoiar o desenvolvimento económico e social da região parisiense

3. estabelecer estruturas públicas (institutos de investigação, organismos de formação de alto nível em logística, agroalimentar...) para multiplicar os benefícios do Agoralim.
4. Criar uma plataforma de transporte ferroviário-rodoviário de mercadorias para responder à necessidade de transporte combinado e melhorar o desempenho ambiental e operacional das atividades

Lançamento de ações de pré-configuração

5. Educar sobre como comer bem
6. criar um site de comércio eletrónico

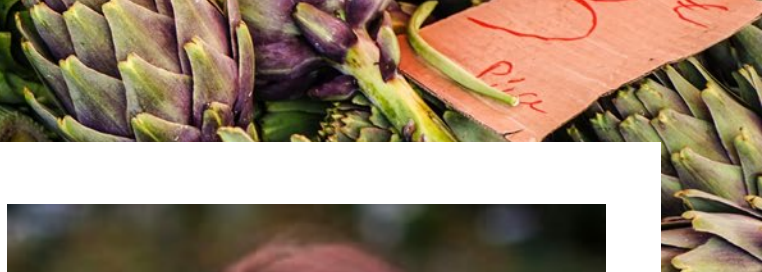
Poderia resumir o atual quadro de referência para o agoralim?

O quadro de referência é para criar instalações com as primeiras aberturas em 2025. Estas acolherão uma variedade de atores para formar este ecossistema: produtores, processadores, logísticos, institutos de formação, centros de investigação, administrações, etc... Este projeto será fundamental para criar um ecossistema alimentar sustentável, desde o solo até ao prato, na região parisiense. Hoje em dia é importante aproveitar o impulso criado sem esperar por estas novas instalações. Assim, já em 2022 serão lançadas ações de pré-configuração nas áreas da logística, comunicação sobre alimentação saudável e formação.

Como será financiado o projeto?

A primeira parte do projeto será financiada pela Semmaris, que tem uma capacidade de investimento baseada num modelo económico comprovado. A segunda parte será financiada, em função da diversidade dos projetos, por financiamento público (autoridades estatais e locais) e, caso a caso, com o apoio de parceiros privados.





Inovação:

Podem as cidades transformar os sistemas agroalimentares?
Anja de Cunto, coordenadora de projetos e conselheira política para a alimentação e aprovisionamento na Eurocities, partilha o seu trabalho para melhorar o ambiente e segurança alimentar.

19

A transformação do sistema alimentar é um problema global que requer uma abordagem sistémica e ações conjuntas. As cidades estão no centro desta transformação.

Estamos gratos por termos tido a oportunidade de entrevistar a Eurocities, a rede de maiores cidades da Europa (que inclui mais de 200 das maiores cidades europeias de 39 países, que entre elas representam 130 milhões de pessoas) para conhecer o trabalho que estão a fazer para melhorar os ambientes alimentares, a segurança alimentar e uma transformação sustentável dos sistemas agroalimentares.



Poderia introduzir brevemente «Eurocities»?

A Eurocities é a rede das principais cidades europeias. Reunimos mais de 200 cidades europeias que querem promover uma melhor qualidade de vida para os seus cidadãos. Trabalhamos em mais de 40 áreas de interesse para as cidades. Como Eurocities, representamos os interesses das cidades na União Europeia e também queremos garantir que as cidades possam partilhar e aprender umas com as outras, particularmente em novas áreas de trabalho, tais como a política alimentar urbana.



Poderia apresentar brevemente o trabalho que a Eurocities está a fazer no que diz respeito a políticas alimentares?

Só nos últimos cinco anos é que começámos a trabalhar mais estrategicamente na alimentação, especialmente graças ao trabalho da cidade de Milão que lançou o Pacto de Política Alimentar Urbana de Milão, reconhecendo o papel central que as cidades podem ter na formação dos sistemas alimentares.

Reunimos agentes alimentares das cidades para trocar sobre a melhor forma de moldar o sistema alimentar. Concentramo-nos regularmente em diferentes aspetos da ação alimentar nas cidades: por exemplo, recuperação de resíduos alimentares, soluções de ajuda alimentar (particularmente durante a pandemia) e produção de alimentos urbanos.

Queremos assegurar que a próxima legislação alimentar da UE tenha em consideração o papel e o valor acrescentado das cidades, mas também os seus desafios, por exemplo, quando se utilizam os concursos públicos para apoiar cadeias de abastecimento curtas e reconectar as [zonas urbanas e periurbanas](#).

Finalmente, apoiamos as cidades para se envolverem em projetos financiados pela UE sobre inovação alimentar, projetos como [Food Trails](#).

Nas suas 11 cidades parceiras, Food Trails irá desenvolver laboratórios vivos participativos, pilotos inovadores e políticas alimentares transformadoras e co-criadas.

“Os ambientes alimentares são o reconhecimento de que os sistemas alimentares não têm apenas a ver com a produção de alimentos, mas que o consumo de alimentos coloca um papel fundamental na sua formação.”

Publicou recentemente, no âmbito da coligação de política alimentar da UE, um relatório intitulado «Ambientes alimentares & política alimentar da EU descobrindo o papel dos ambientes alimentares para sistemas alimentares sustentáveis». Poderia falar-nos um pouco mais sobre estas publicações e sobre o papel da Eurocities no mesmo?

20

A Eurocities é uma das organizações envolvidas na Coligação Alimentar. A Coligação reúne a sociedade civil e organizações que trabalham para a refinação e defesa de uma visão partilhada de sistemas alimentares sustentáveis a nível da UE, como por exemplo: ONG's de um largo espectro que trabalham sobre sistemas alimentares, movimentos sociais de base, organizações de agricultores, organizações de pescadores, sindicatos, grupos de reflexão, grupos científicos e de investigação. <https://foodpolicycoalition.eu/>

Em conjunto, colaboramos em áreas de trabalho conjuntas que fazem parte da estratégia “Farm to Fork” e legislações conexas: desde a Política Agrícola Comum ao comércio internacional, passando pela aquisição de alimentos e desperdícios alimentares. Juntos acreditamos no papel dos ambientes alimentares como uma área de ação fundamental para moldar os sistemas alimentares. Como somos uma grande variedade de organizações, cada um de nós assume a liderança e colabora com base nos seus principais objetivos de defesa de interesses e áreas de especialização. Em particular, a colaboração no ambiente alimentar é também conseguida graças ao grande trabalho dos colegas da Aliança Europeia de Saúde Pública, com os quais partilhamos muitos pontos comuns de advocacia.

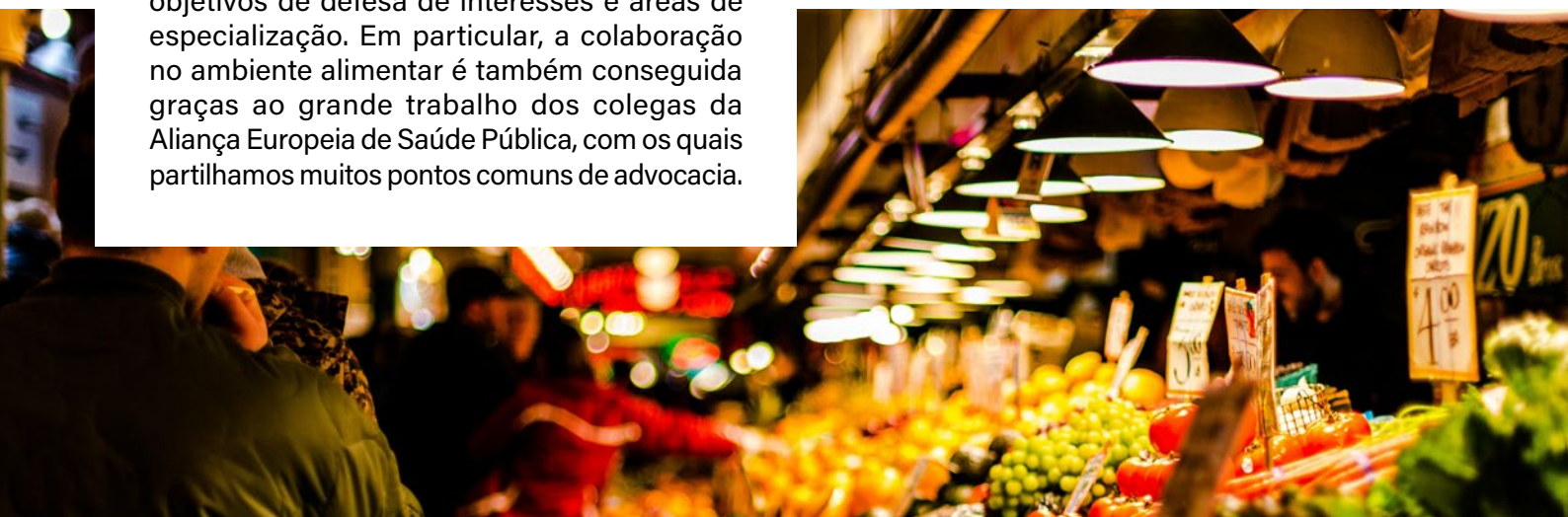
Poderia explicar o que são ambientes alimentares, qual é o seu papel das cidades para os promover, e o que significaria para uma cidade integrar «uma abordagem de ambiente alimentar» em termos de políticas?

Os ambientes alimentares são o reconhecimento de que os sistemas alimentares não têm apenas a ver com a produção de alimentos, mas que o consumo de alimentos coloca um papel fundamental na sua formação. Por conseguinte, queremos apoiar os cidadãos a fazer escolhas alimentares saudáveis e sustentáveis que também terão impacto na forma como os alimentos são produzidos. No entanto, confiar exclusivamente na educação, informação e rotulagem não é o único caminho a seguir, uma vez que as escolhas alimentares não são frequentemente o resultado destas, mas sim fatores mais complexos, tais como o preço, a disponibilidade de alimentos e as escolhas culturais.

É aqui que entra o conceito de ambiente alimentar, especialmente nas cidades que acolhem quase 80% da população europeia: criar e possibilitar um ambiente alimentar é fazer das escolhas sustentáveis e saudáveis a opção mais acessível e acessível para todos os cidadãos.

As cidades fazem alterações às compras públicas de alimentos, introduzem restrições de comercialização de alimentos e bebidas não saudáveis, e tomam medidas concretas para melhorar os ambientes alimentares urbanos, por exemplo em torno de escolas e áreas onde a alimentação saudável não é facilmente acessível e acessível (desertos alimentares) ou onde existe uma elevada percentagem de fast food (pântanos alimentares), como é o caso em muitos centros urbanos.

O planeamento urbano é aqui um instrumento central, juntamente com uma boa compreensão dos fluxos alimentares na cidade e dos padrões de consumo e do estado de saúde dos cidadãos. Infelizmente, a maioria destes dados não está muitas vezes disponível a nível da cidade/bairro.



Qual é a ligação entre «política alimentar da UE», ambientes alimentares e cidades? A atual política alimentar da UE está a ter suficientemente em conta o papel das cidades? O que poderia ser feito para a promover/aperfeiçoar?

As atuais políticas alimentares da UE e dos estados-membros nacionais estão ainda muito concentradas em abordar a produção alimentar, especialmente com legislação. O que esperamos com a próxima política alimentar da UE esperada para 2023 é antes uma abordagem sistémica ao sistema alimentar com um nível de ações que vá em conformidade, o que dará poder a todos os atores do sistema alimentar, particularmente aos cidadãos.

Juntamente com outros peritos, promovemos estes conceitos também no nosso trabalho com o Centro Comum de Investigação do CCI [‘Concepts for a sustainable EU food system’](#) (Conceitos para um sistema alimentar sustentável da UE)

Defendemos também uma legislação alimentar nacional obrigatória que seja co-criada e discutida a todos os níveis de governo, particularmente cidades e cidadãos, por exemplo através da criação de conselhos alimentares e políticas alimentares locais.

Acha que a «abordagem do ambiente alimentar» pode ser uma mudança de jogo para as cidades, facilitando a transição para sistemas alimentares locais sustentáveis? Em caso afirmativo, de que forma?

As cidades são ambientes altamente obesogénicos. Por exemplo, a investigação conduzida pela cidade de Amesterdão revelou que 84% das ofertas alimentares no centro da cidade podem ser rotuladas como «pouco saudáveis», das quais 25% podem ser consideradas «extremamente pouco saudáveis». Isto inclui supermercados, snack-bares, lojas noturnas, lojas de doces, etc.

Ao abordar os ambientes alimentares, as cidades podem complementar as suas políticas de estilo de vida mais saudável e de utilização estratégica da aquisição de alimentos para refeições mais saudáveis e mais sustentáveis nas cantinas públicas.

Além disso, as cidades podem chegar aos distritos rurais vizinhos para desenvolver planos conjuntos que permitam tanto aos consumidores urbanos como aos produtores rurais beneficiar, por exemplo, dando espaço aos produtores locais e aos mercados alimentares locais que vendem frutas e legumes frescos sazonais e locais nas cidades.

Qual é o papel dos mercados grossistas em ambientes alimentares? E na sua opinião, que tipo de colaborações poderiam os mercados grossistas fomentar com as cidades para melhorar os ambientes alimentares sustentáveis?

Quando tanto os mercados grossistas como os municipais são privados, as autoridades locais podem criar parcerias com eles e reforçar a colaboração para melhorar os ambientes alimentares nas cidades. Os mercados grossistas são atores importantes para assegurar o fornecimento constante de alimentos frescos nas cidades. O mercado grossista pode também apoiar as cidades na recolha de dados e compreender melhor os padrões de consumo, especialmente de alimentos provenientes de fora das fronteiras regionais. Os mercados grossistas podem estabelecer parcerias com as cidades, também para combater o desperdício alimentar, quer para o reduzir, quer para encontrar as melhores formas de redistribuir os alimentos em segurança para os necessitados.

Neste contexto, a Eurocities e a WUWM estão a planear colaborar para partilhar com sucesso as colaborações do mercado grossista e das autoridades públicas. Podemos também trabalhar em ações conjuntas de defesa, por exemplo em torno da rotulagem e para reconhecer o papel das cidades na próxima legislação alimentar da UE.

“Ao abordar os ambientes alimentares, as cidades podem complementar as suas políticas para um estilo de vida mais saudável e uma utilização estratégica da aquisição de alimentos para refeições mais saudáveis e sustentáveis nas cantinas públicas.”

Em eventos:

O conselho de Diretores da WUWM reuniu-se em Paris para a sua primeira reunião do ano!

A 25 de fevereiro de 2022, o Conselho de Diretores da WUWM realizou uma reunião híbrida (Paris e online) para discutir as realizações de 2021 e o plano de ação para 2022. O presidente da WUWM, Stephane Layani, abriu a cerimónia destacando que a transição para sistemas alimentares sustentáveis deveria estar entre as principais prioridades do nosso setor para os próximos anos, e que os mercados grossistas podem desempenhar um papel chave no sucesso desta transição.

Para o fazer, o Sr. Layani argumentou que precisamos de um maior envolvimento de todos os atores da cadeia agroalimentar, e de trabalhar em conjunto com uma abordagem sistémica. Os membros do Conselho de Diretores afirmaram que a WUWM procurará reforçar as colaborações e construir coligações com todos os atores com o objetivo de assegurar a transição para a sustentabilidade dos sistemas alimentares, promovendo o consumo de dietas saudáveis, baseadas em alimentos frescos e visando alcançar um setor alimentar neutro em termos de carbono.

Os mercados grossistas modernos são infraestruturas essenciais para garantir a segurança alimentar, reduzir a impressão alimentar ecológica do setor alimentar e promover dietas melhores e mais saudáveis.

Neste contexto, o Conselho de Administração chamou os membros da WUWM para continuarem a participar e aumentarem o seu envolvimento na sequência dos diferentes programas, campanhas e webinars que a WUWM lançou a nível global e a nível regional.

O plano de ação para 2022 será centrado no lançamento concreto e a nível regional e local dos programas que lançámos em 2021 a nível global. Os diretores regionais desempenharão um papel mais importante e envolver-se-ão de formas concretas os membros regionais para alcançar este objetivo.

O restante da reunião foi dedicado aos planos operacionais e financeiros para este ano. Assim como ao futuro das campanhas e projetos que a WUWM irá levar a cabo este ano. Em breve, iremos comunicar mais destes desenvolvimentos! Por enquanto, o Relatório Anual 2021 está disponível no nosso website em 4 línguas (inglês, francês, espanhol e alemão).

In WUWM's World

2 fevereiro — Reunião com Eurocities e com a Escola de Economia de Paris

3 fevereiro — Reunião com a Federação de Bancos Alimentares Europeus

10 fevereiro — O Grupo Retalhista da WUWM/ Love Your Local Market reuniu-se acerca da agenda para 2022

10 fevereiro — Reunião com os Mercados Grossistas Latino-Americanos para discutir boas práticas de modo a reduzir o desperdício alimentar

17 fevereiro — 12ª Reunião da Plataforma da UE para o Desperdício Alimentar

24 fevereiro — Cerimónia de Encerramento do Ano Internacional das Frutas e Legumes

26 fevereiro — Reunião do Conselho de Diretores da WUWM

“Os membros da direção declararam que a WUWM procurará reforçar as colaborações e construir coligações com todos os atores com o objetivo de assegurar a transição para sistemas alimentares sustentáveis.”